

Apresentação

O dossiê intitulado “Relações de Gênero e Família” objetiva dar visibilidade a pesquisas cujo foco de análise são as relações de gênero, os afetos e os arranjos familiares na contemporaneidade. Os artigos abordam o gênero na interseção com a classe, a raça, a sexualidade e a geração, entendidas como construções históricas e como o lugar em que são percebidas as relações de poder/saber e as várias representações e práticas sociais. Trata-se de abordagens que envolvem diferentes formas de sociabilidades, feminilidades, masculinidades, uniões conjugais, homoparentalidade, saúde reprodutiva, adoção e relação com filhos, relações raciais, discriminação e homofobia.

Campo hoje reconhecido nas discussões teórico-metodológicas, o gênero como categoria de análise vem mais assumindo cada vez mais um lugar de destaque na interpretação de eventos, fatos sociais e relações que abarcam a cotidianidade de homens e mulheres. Ao dar visibilidade a estes acontecimentos inerentes à vida cotidiana, a categoria gênero tem a tarefa de analisar o modo como discursos e práticas têm instituído e reforçado os gêneros masculino e feminino, e cobrado ainda prescrições de um e outro sexo nas relações de poder que observáveis na sociedade e nas sociabilidades. Almeja, através destas interpretações da sociedade, questionar “verdades” naturalizadas e contribuir para que as pessoas possam ser mais incluídas, na busca da eliminação de preconceitos, violências e discriminações. Com isto, o dossiê evidencia que “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre

as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1994, p.13).¹

Inicialmente, o artigo intitulado *Entre o direito, o dever e o risco: olhares de gênero sobre amamentação*, de Irene Rocha Kalil e Maria Conceição da Costa, trata dos estudos de gênero sobre amamentação e suas relações com modelos de maternidade em voga na atualidade, observando o controle da mulher sobre seu próprio corpo, no contexto de uma sociedade de risco na qual a mulher se torna, desde a concepção, responsável por quaisquer danos à sua prole. Segue o artigo *O casamento e a união estável são “o tesouro atrás do arco-íris”? Notas sobre família e conjugalidade no Brasil contemporâneo*, de Claudia Regina Nichnig, que enfatiza o reconhecimento social e jurídico das relações conjugais entre pessoas do mesmo sexo, as aproximações e distanciamentos que permeiam as relações conjugais homossexuais, enfocando o debate a respeito dos significados da conjugalidade e da família no Brasil, e como a legislação passou a reconhecer tais relações, as quais passaram de ilegítimas a legítimas, sob a proteção do Estado.

Acerca da adoção, tema sensível e contemporâneo, Elisiane Valandro e Silvana Terezinha Baumgarten, no artigo *Filhos adotivos: quando revelar este segredo*, investigam os aspectos que geram ansiedade nos pais adotivos no momento da revelação da adoção e da história pré-adotiva ao filho, observando nestas relações entre pais e filhos a confiança versus a construção da identidade de filhos adotivos. Revela que, para se estabelecer uma relação saudável, é necessário não haver segredos no âmbito familiar. No artigo *Família e cuidado em narrativas de vida marcadas pela ausência paterna*, Sabrina Finamori propõe uma reflexão sobre as relações entre gênero e parentesco através do modo como essas narrativas apresentam o não-reconhecimento de paternidade como uma fuga do pai à responsabilidade, e as ambivalências de sentimentos no que diz respeito às atitudes das mães, e como o parentesco é nelas constituído por meio do cuidado e da afeição. Levanta também leis e políticas públicas de reconhecimento de

¹ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22, jul/dez, 1990.

filiação que podem levar à reafirmação de um modelo normativo de família e reinstaurar, em alguma medida, o sofrimento associado à ausência paterna.

Walfrido Nunes Menezes, no artigo *O contexto de gênero, família e a percepção sobre ser mulher*, analisa o ser mulher no contexto da discriminação de gênero, investigando classes populares de Pernambuco. Observa a exclusão de mulheres da plena vivência como cidadãs, tanto no contexto social como familiar, e torna visível a problemática da cidadania no universo feminino em face de uma sociedade patriarcal e androcêntrica. São mulheres das classes populares que têm pouca ou quase nenhuma visibilidade, mobilidade e participação no campo político, social e familiar, encontrando-se ausentes das instâncias decisórias e ideológicas para a efetivação e elaboração de políticas públicas no contexto de gênero.

Já Mariana Corrêa de Azevedo, em *Por mim ou pelos outros? Representações de gênero e relações de poder em famílias de camadas médias*, faz a análise das relações familiares vinculadas à diferenciação da experiência familiar através de uma perspectiva de gênero. Trata de “A Família” como um conceito monolítico originado no seio de uma ideologia burguesa no advento da modernidade, e como tem sofrido diversas transformações, e evidencia que este imaginário tem sido uma arena de disputas desde 1960 em razão da emancipação feminina, do surgimento de novos arranjos familiares e da democratização da intimidade. O estudo mostra alguns resultados de uma pesquisa realizada na cidade de Curitiba (PR) com duas famílias heteronormativas de camadas médias com um arranjo hegemônico de convivência, através de entrevistas individuais com seus membros.

Sobre o tema da discriminação da orientação sexual, no artigo “*Prefiro um filho morto, do que um filho viado*”: *algumas implicações de quando a homofobia é familiar*, Bruno dos Santos Hammes busca visibilizar algumas famílias em que existe divergência de orientação sexual entre pais e filhos, para pensar alguns dos desdobramentos que afetam as relações, bem como as possibilidades de conciliá-las ou não com os valores da rede social, do círculo familiar e de parentesco e suas implicações nessas histórias de vida juvenis.

Os dois últimos artigos trazem formas pedagógicas de ser moderno ou estar em dia com as novas modas e os costumes que adentram. Antonio Emilio Morga fala sobre *A Moda masculina em Nossa Senhora do Desterro: século XIX*, e analisa as práticas de masculinidades na Ilha de Santa Catarina, quando ainda capital da província, no decorrer do século XIX. Observa que, com a entrada da modernidade, articulistas eram porta-vozes das classes ascendentes economicamente e veiculavam novas práticas de sociabilidades. Dentre essas, observa-se o vestuário masculino como distinção nos meandros do mundo burguês, que cobrava cuidados nas maneiras de “ser” e de “estar” moderno, fazendo difundir a imagem do homem moderno. Isabella Cosse, com o artigo intitulado *Periodismo, género y estatus de lo cultural: nuevas formas de sociabilidad en la Argentina (1962-1969)*, mostra as transformações nos costumes e nas formas de sociabilidades entre homens e mulheres nos anos de 1960, nos setores médios da sociedade da Argentina, através das revistas *Claudia*, *Primera Plana*, *Adán* y *Satiricón*, protagonistas da renovação periodística, e associa a entrada de novidades nos costumes com atitudes de vanguarda, operação que constrói uma nova elite social. Nesta operação, as inovações culturais nas sociabilidades e nas relações entre homens e mulheres foram engendradas por atores comprometidos com a redefinição de lugares na pirâmide social, modificando decisivamente os comportamentos das classes incluídas socialmente, e das relações familiares e da juventude.

Com este dossiê, a revista *PerCursos* vem oferecer aos leitores e às leitoras outros possíveis olhares e interpretações sobre as relações de gênero e a família, entendida no seu alargamento conceitual nas relações contemporâneas.

Florianópolis, dezembro de 2013

Prof.^a Dr.^a Marlene de Fáveri

Prof.^a Dr.^a Sara Beatriz Guardia